

TEMPESTADE DE NEVE NO TEXAS

Luci Swindoll

Desde a infância, sempre tive certo talento teatral. Minha família era extremamente expansiva e extrovertida, e nos divertíamos com nossas maneiras excêntricas. Acho que, quando não existe aparelho de TV em casa, as famílias tendem a criar os próprios shows, domésticos. Era o que fazíamos... o tempo todo. Mas, por considerar-me uma "atriz", adquiri confiança dentro de casa para exibir meus talentos em outros lugares. Aquilo foi um erro!

Eu devia ter uns sete ou oito anos e estava voltando da escola para casa em uma tarde quente, carregando uma pilha de livros, quando me senti aborrecida com aquela rotina diária. Decidi "representar" que estava no meio de uma violenta tempestade de neve, lutando para sobreviver. De uma forma ou outra, eu me saí bem! Os livros escolares tornaram-se um escudo para proteger meu rosto de uma súbita nevasca. Segurei-os diante de mim à medida que cambaleava, caindo uma ou duas vezes, imitando o tempo todo o barulho do vento com a boca. Durante um minuto ou pouco mais, a cena pareceu real, mas, no auge da representação, quando olhei para cima tentando saber a que distância eu estava do abrigo, avistei a varanda da casa de meus vizinhos. Estavam todos lá, sentados em completo silêncio, olhando para mim, tentando entender o que se passava na cabeça da menina da casa ao lado.

Naquele momento, eu queria que o chão se abrisse para eu desaparecer, mas isso não aconteceu. Quando suas gargalhadas quebraram o silêncio, o medo tomou conta de mim. A bem da verdade, mortificada era uma palavra suave para o que eu sentia. Abaixei a cabeça e corri para casa. Só voltei a aparecer em público semanas depois, e a rotina de voltar para casa depois da escola retornou a seus padrões de normalidade. Nunca mais houve uma tempestade de neve em uma tarde quente no Texas.

Alguns anos depois daquele episódio constrangedor, meus pais matricularam-me em um curso de elocução com um excelente professor de Houston que havia tido uma carreira brilhante nos palcos de Nova York. Eu adorava aquelas aulas. Elas foram muito proveitosas para mim, embora eu imagine que meus pais me matricularam naquele curso para salvar o nome da família.

Eu diria que, por herança genética, o meu amor pelas artes era inevitável. Quando faço uma retrospectiva de minha vida, vejo minha avó materna, professora de piano durante 33 anos, tocando por satisfação pessoal ou acompanhando os cânticos de seus filhos e netos. Meu avô, quando jovem, tocava trompete em uma pequena orquestra. Ambos participaram, ao longo dos anos, de muitos programas musicais na igreja e na cidade do Texas onde moravam, e juntos transmitiram aos filhos o amor pela música.

Uma de minhas tias – a irmã mais nova de mamãe – além de ser uma artista por talento e aprendizado, também é uma excelente pianista. Minha mãe adorava cantar e especializou-se em canto nos tempos de faculdade. Costumávamos cantar em dueto na igreja, ela como soprano, e eu como contralto. Às vezes, meus dois irmãos juntavam-se a nós e formávamos um quarteto: Chuck como tenor, e Orville como baixo.

Ainda me lembro, ao rebuscar recantos minha memória, da cena de nós três, quando crianças, em pé na escada de uma lanchonete, cantando para que o proprietário e os clientes nos oferecessem sorvetes de graça. Quanto mais versos cantávamos, mais sorvetes ganhávamos! Penso que meu pai nos considerava substitutos da família von Trapp [personagens do filme *A Noviça Rebelde*]. Ele adorava nos levar em excursões, sempre recebendo elogios pelo talento e intrepidez de sua prole. Cantávamos para quem quisesse ouvir e, conforme me lembro, ficávamos completamente à vontade diante do público. Era divertido, e, afinal, o objetivo de receber duas ou três bolas de sorvete nos incentivava a cantar qualquer música que soubéssemos de cor.